

A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil.

The diversity of things: modes of expression in Tupi ceramics from the Island of São Luís and surroundings, Maranhão / Brazil.

La diversidad de las cosas: modos de expresión en la cerámica Tupi de la Isla de São Luís y alrededores, Maranhão / Brasil.

Lílian Panachuk¹

RESUMO

O tema desse artigo são as populações Tupi/tupiguarani que estão na Ilha de São Luís e arredores. O material cerâmico dos sítios analisados apresenta características gerais identificadas com a tradição Tupiguarani, como o uso do chamote como elemento associado à pasta, tratamento decorativo da superfície com cores e organização pictórica que definem o grupo; corpo da vasilha cerâmica com contorno sinuoso, algumas inflexões e carenas. No entanto, existem muitas diferenças que precisam ainda ser esclarecidas e melhor explicadas. O material aqui apresentado não se adequa a nenhuma das subdivisões internas utilizadas contemporaneamente, pois não se inscrevem em suas descrições.

Partimos do material cerâmico dos sítios estudados na ilha, que observamos detidamente em uma análise inter e intra sítios. Posteriormente, relacionamos a eles o material de sítios conhecidos em São Luís e no continente imediato, marcando as diferentes expressões cerâmicas dessa arqueologia regional.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Tupiguarani, Cerâmica, estado do Maranhão, análise tecnológica, estudo comparativo

¹ Bolsista CAPES. Doutoranda em Arqueologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN-UFMG).

ABSTRACT

The theme of this article is the Tupi/tupiguarani populations that are in the Island of São Luís and surroundings. The ceramic material of the analyzed sites presents general characteristics identified with the Tupiguarani tradition, such as the use of chamotte as an element associated to paste, decorative surface treatment with colors and pictorial organization that define the group; ceramic bowl body with sinuous contour, some inflections and corners. However, there are many differences that still need to be clarified and better explained. The material presented here does not fit into any of the classification categories used contemporaneously, as they do not fit into their descriptions.

We start with the ceramic material of the sites studied on the island, which we observe in an inter and intra-site analysis. Later, we related to them the material of known sites in São Luís and in the immediate continent, marking the different ceramic expressions of this regional archeology.

KEYWORDS: Tupiguarani archaeology, pottery, Maranhão state, technological analysis, comparative study

RESUMEN

El tema de este artículo son las poblaciones Tupi/tupiguarani que se encuentran en la Isla de San Luis y sus alrededores. El material cerámico de los sitios analizados presenta características generales identificadas con la tradición Tupiguarani, como el uso del chamote como elemento asociado a la pasta, tratamiento decorativo de la superficie con colores y organización pictórica que definen el grupo; cuerpo de la vasija cerámica con contorno sinuoso, algunas inflexiones y carenas. Sin embargo, hay muchas diferencias que hay que aclarar y explicar mejor. El material aquí presentado no se adecua a ninguna de las categorías clasificatorias utilizadas contemporáneamente, pues no se inscriben en sus descripciones.

Partimos del material cerámico de los sitios estudiados en la isla, que observamos detenidamente en un análisis inter e intra sitios. Posteriormente, relacionamos a ellos el material de sitios conocidos en San Luis y en el continente inmediato, marcando las diferentes expresiones cerámicas de esa arqueología regional.

PALABRAS CLAVE: Arqueología Tupiguarani, cerámica, estado del Maranhão, análisis tecnológico, estudiocomparativo

INTRODUÇÃO

Pretendemos neste artigo descrever as populações ceramistas tupi/tupiguarani situadas na ilha de São Luís através de quatro sítios arqueológicos escavados na baía de São José, verificando aproximações e diferenças regionais através da cadeia operatória cerâmica, em especial sua decoração. Esses sítios já foram apresentados em relatórios técnicos (Caldarelli e Kern, 2010; Caldarelli e Panachuk, 2013) e divulgados em uma publicação anterior (Panachuk, 2014). Destas coleções, quinze fragmentos com motivos crômicos foram apresentados no catálogo cerâmico tupiguarani (Prous e colaboradoras, 2017: 2153 a 2167F), e serão retomados para melhor descrever suas particularidades.

Assumimos a combinação dos termos tupi/tupiguarani pois as datações obtidas situam o material aqui analisado em um lapso temporal desde pouco antes da colonização europeia e depois, marcando a transição com continuidade entre registros materiais tupiguarani e tupinambá. Podem, nesse contexto maranhense específico, sugerir uma convergência de dados arqueológicos, antropológicos e linguísticos que interacionam grupos pré-coloniais tupiguarani e populações históricas tupi-guarani.

Aqui o foco, além da descrição do material cerâmico, é a comparação inter-sítios. O uso de uma metodologia de escavação similar, com malha sistemática em toda extensão do sítio, análise química do solo, poços testes de mesmo padrão, dentre outras regularidades de método e técnica também em laboratório, permitiram esse exercício. Por fim, iremos propor uma organização do material cerâmico conhecido nas vizinhanças da ilha de São Luís e fora dela, demarcando regionalismos e expressões particulares da cerâmica através das escolhas técnicas, estéticas e morfológicas.

Os sítios da baía de São José

Os quatro sítios cerâmicos aqui apresentados localizam-se na porção leste da ilha de São Luís, na baía de São José (Araújo, Teles e Lago, 2009). Dois deles na bacia do rio Geniparana, atual município de São

José de Ribamar - sítios São Brás e da Mata; outros dois na bacia do rio Tibiri, município de São Luís - sítios Itapera e Maracujá (figura 1). Cerca de 15km separam as bacias hidrográficas. Em cada uma delas, os sítios ficam muito próximos entre si, menos de 1,5km. Os sítios da bacia do Geniparana distam 5km do litoral, e os do Tibiri 7km, sendo o acesso facilitado por via fluvial. Nessas distâncias, se forem contemporâneos, é possível que tenham se relacionado como aliados ou inimigos. Se forem de períodos diferentes, podem ser reocupações de uma mesma população, em momentos diferentes da história de vida da aldeia. Isso porque o material cerâmico apresenta atributos semelhantes entre si, o que permitiu atribuir as quatro coleções aos grupos ceramistas tupiguarani.

Todos são sítios a céu aberto implantados na área mais alta do terreno, entre 14m e 30m de altitude, na proximidade imediata da cabeceira de algum curso d'água navegável. Exatamente como descrito por missionários franceses para as ocupações tupinambá do século XVII, que visitaram por acesso de canoas e trechos a pé (Abbeville, 2002).

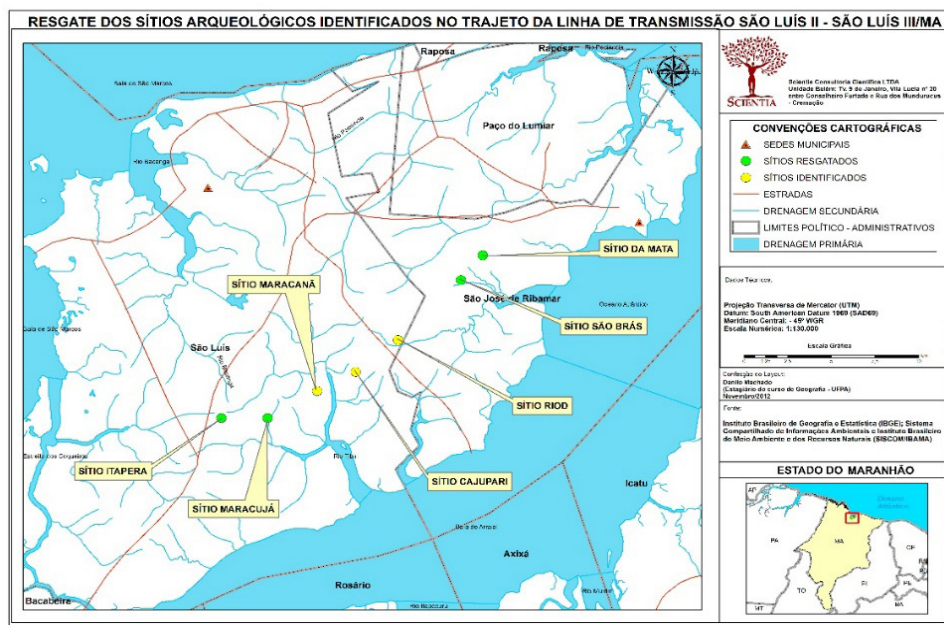


Figura 1: Localização dos sítios arqueológicos (Acervo Scientia)

cerâmico (gráfico 1). Nestes sítios aparecem mais fragmentos nas áreas escavadas, maiores e mais pesados, que estavam também melhor conservados (gráfico 2).

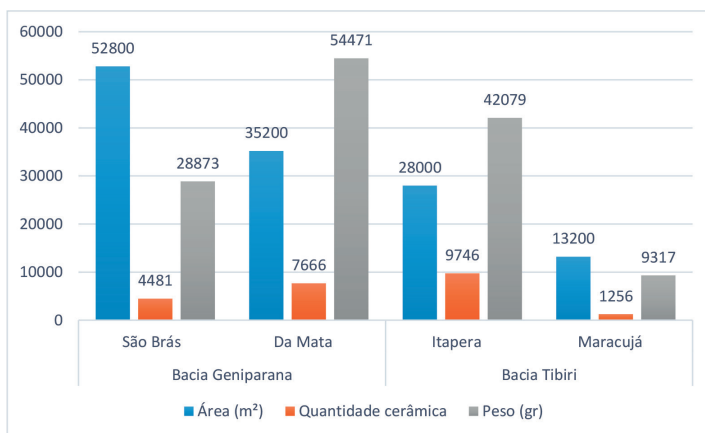


Gráfico 1: Área do sítio, quantidade e peso dos fragmentos cerâmicos

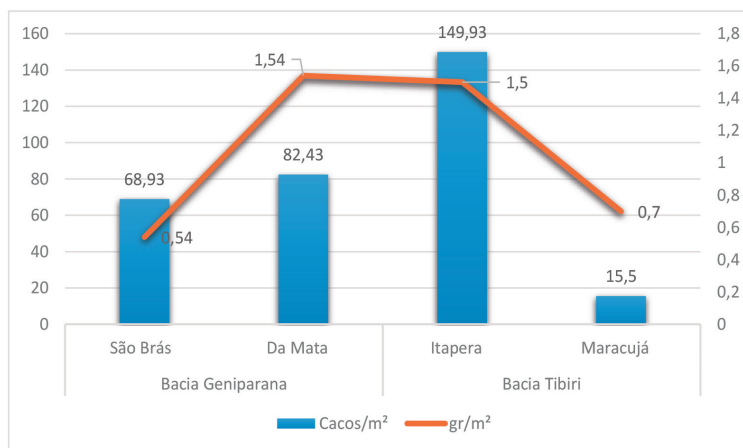


Gráfico 2: Média da quantidade e peso dos fragmentos cerâmicos na área escavada

A distribuição vertical dos fragmentos cerâmicos ocorre, geralmente, desde a subsuperfície até a profundidade máxima de 30cm. Nos sítios São Brás e da Mata, os vestígios associados ao período colonial foram exumados dos estratos superiores, e os fragmentos pré-coloniais até 40cm de profundidade. Não foi identificada nenhuma separação entre os estratos, mas mudança de composição material. No sítio Maracujá, mais superficial, o material colonial e pré-colonial estão associados e não alcançam 20cm de profundidade. O pacote de ocupação é mais profundo no sítio Itapera, chegando a 60cm, com a (quase) totalidade de vestígios pré-coloniais. Nesse sítio somente 8 exemplares do período colonial, em superfície.

Somente no sítio Itapera foi possível coletar amostras para duas datações radiocarbônicas (Beta 297747 e 297748) pela técnica da espectrometria de massas com aceleradores (EMA, na sigla em português). As amostras situaram a ocupação do sítio desde o final do século XV até o XIX (1480 a 1650 AD; 1660 a 1890 AD e 1910 a 1950 AD). Nos demais sítios o pacote de ocupação indica continuidade; a julgar pela coincidência da terra escura com o material arqueológico e as remontagens de fragmentos cerâmicos entre todos os níveis artificiais. Mesmo que não possamos definir a cronologia para todos os sítios, essas aproximações microrregionais podem ser interessantes para traçar um plano relacional entre as ocupações. Para formação da terra preta é preciso continuidade espaço temporal (Kern, 1988).

As datas obtidas permitem inferir a presença ameríndia antes do colonizador europeu, através de vestígios arqueológicos associados à ocupação tupiguarani e também depois, e talvez tenham relação com as populações falantes de tupi-guarani. Por isso do uso do termo tupi/tupiguarani, já aludido anteriormente. O pacote pouco profundo dos sítios, as remontagens cerâmicas entre os estratos e a distribuição horizontal dos materiais em superfície, com vestígios que formam conjuntos organizados em combinação com a terra preta; podem corroborar com a hipótese de uma ocupação do espaço única e contínua, com diferença nos elementos materiais.

Tecnologia cerâmica: aproximações e particularidades Tupi

As técnicas de manufatura utilizadas para a confecção das peças cerâmicas são o acordelado (majoritariamente), modelado à mão livre (exclusivamente para bases e apêndices) e (raramente) reforçado por placas para aumento da espessura.

Na pasta cerâmica estão presentes minerais comuns no solo como quartzo e caulinita, mica, feldspato e óxido de ferro; aos quais foram acrescentados cariapé e chamote. Os sítios São Brás e Maracujá apresentam maior popularidade de vestígios com presença de cariapé na pasta, enquanto os sítios da Mata e Itapera contém, em sua maioria, chamote (caco moído). Observamos ainda a presença menos expressiva de argila branca (tipo tabatinga ou caulim), carvão e cauxi na pasta cerâmica. Em todos os casos, os diferentes elementos identificados na pasta têm diâmetro entre 1 e 3mm; incluídos na proporção de 20%. A regularidade nos elementos presentes na pasta, o diâmetro uniforme dos grãos, a proporção constante e a homogeneidade da pasta indicam apurado tratamento da argila. Foi preciso coletar, peneirar, selecionar, retirar e inserir elementos para que a pasta resultasse tal como ela se apresenta. Depois, amassar até obter o resultado adequado para a manufatura. Os fragmentos em geral têm 10mm de espessura, o que parece indicar, neste caso, predomínio de recipientes finos e médios.

Em relação ao tratamento de superfície, o mais utilizado nas peças cerâmicas é o alisado médio. Chama atenção a presença de polimento e barbotina, além do alisado fino como técnicas associadas de acabamento superficial. É preciso avaliar as diferenças entre tais procedimentos técnicos.

O alisamento é a ação de regularizar a superfície, atribuindo certa textura e aparência contínuas ao suporte. O alisamento é indicado como solução técnica para minimizar a linha de fragilidade existente entre os roletes, fixando firmemente os corpos. O tipo de instrumento escolhido para a tarefa, o grau de plasticidade da pasta e a intensidade do trabalho empenhado são os principais responsáveis pela graduação

na intensidade do alisamento, aqui dividido entre fino, médio e grosso. Quanto mais fino o alisamento, maior a vedação da superfície e a organização molecular (Sinopoli, 1991).

O polimento é resultado da ação de friccionar tangencialmente um objeto com parte ativa rombuda (como seixo ou semente arredondada) na superfície (ainda) argilosa, mas já resistente (em ponto de couro). Consideramos como barbotina o revestimento aplicado antes da queima na superfície da peça por uma demão de argila mais fina e cremosa, em suporte argiloso similar durante o ponto de couro para que os corpos contraíam juntos (Lyngaard, 1983).

O emprego de qualquer dessas técnicas na superfície do objeto cerâmico - alisado fino, polido ou barbotina - garante ao recipiente uma maior resistência ao choque mecânico e aumento da capacidade em conter calor (Rice, 1987), apresentam, portanto, uma função prática. Mas esses acabamentos também alteram o aspecto da superfície deixando-o regular, com brilho e toque suave; destacando aspectos estéticos do objeto que causam novo apelo sensorio-motor. Isso porque essas técnicas permitem organizar as moléculas de argila desde a superfície, empurrando elementos não plásticos de maior diâmetro para o núcleo e orientando as moléculas de argila (Rice, 1987, Sinopoli, 1991). Ações técnicas são tarefas eminentemente materiais e deixam marcas também materiais, inscrevendo-se de forma redundante nas coisas que são produzidas (Joyce, 2000; Miller, 2010, Hodder, 2012). Impossível não lembrar de Gabriel Tarde (2007) para quem as pequenas diferenças, microscópicas - neste caso uma organização molecular recorrente do tratamento de superfície - vão se tornando maiores - e o recipiente, muda o desempenho e sua função potencial. Um recipiente com polimento tem bom desempenho para cocção, mas não para armazenar água fresca, pois a ausência de poros não deixa o líquido fazer trocas gasosas com o exterior, por exemplo.

Esses tratamentos de superfície podem ser usados para modificar as características de desempenho do recipiente cerâmico: maior obliteração dos roletes, fechamento de pequenas lacunas deixadas pelo alisamento; diminuição dos poros e aumento da impermeabilidade

superficial (La Salvia e Brochado, 1989). Ao mesmo tempo, a diferença na organização molecular no corpo cerâmico pode gerar tensão superficial e provocar a ruptura da face que recebe polimento ou barbotina, dada sua diferença com o núcleo da peça (Sinopoli, 1991). Segundo o estudo clássico de La Salvia e Brochado(1989) sobre a cerâmica guarani, o uso de barbotina na superfície interna é mais comum.

Nas coleções estudadas, o polimento e a barbotina são populares tanto na face externa (levemente mais expressivo) quanto interna, e aparecem de forma significativa em ambas as faces de um mesmo fragmento. Cada uma dessas técnicas foi notada em 10% dos fragmentos nos sítios da Mata e Itapera, e 2%, nos sítios São Brás e Maracujá.

Algumas marcas de produção foram observadas nos conjuntos remontáveis de fragmentos cerâmicos e poucas peças inteiras ou semi-inteiras, 4% da coleção em média. Foi possível observar sulcos e protuberâncias marcando a circunferência do recipiente, estrias de alisamento e de fixação de rolete, falhas na obliteração dos roletes, marcas de dedos e impressão de folhas. Nas coleções analisadas uma parte considerável da amostra (10% em média) apresenta marcas de redução resultante do processo de queima, algumas delas sobre a decoração crômica, indicando que a pintura ocorre antes da queima na cadeia operatória aqui analisada. A decoração plástica acontece certamente com a peça úmida e bem mais raramente em ponto de couro. A julgar pela movimentação de partículas argilosas, sempre antes da queima. Observando o perfil dos fragmentos cerâmicos para inferir o impacto da atmosfera oxi-redutora, a maioria apresenta queima completamente oxidada, em menor quantidade e de forma equilibrada aparecem o núcleo reduzido e a queima totalmente reduzida.

Esmiuçando a estética dos recipientes

A maioria dos fragmentos exumados não apresenta qualquer tipo de decoração. Em cada coleção foi possível identificar, em média, entre 5,6% e 1,2% respectivamente para fragmentos cerâmicos com decoração pintada e plástica (gráfico 3). Essa expressão pouco representativa pode estar atrelada aos processos pós-deposicionais diversos que causaram erosão dos fragmentos, em especial da decoração crômica e do acabamento superficial.

Se as bordas forem representativas do conjunto dos potes - já que a decoração aparece majoritariamente no terço superior das vasilhas - então a média decorada aumenta sensivelmente - em média 15% das bordas para a decoração pintada e 7% para a plástica (gráfico 4). Essa seria a quantidade (estimada) de recipientes decorados, inferindo-se tentativamente, 21% do total. Nos sítios analisados a maior popularidade é, portanto de cerâmica com decoração pintada, a não ser no sítio Itapera no qual a decoração plástica é mais frequente.

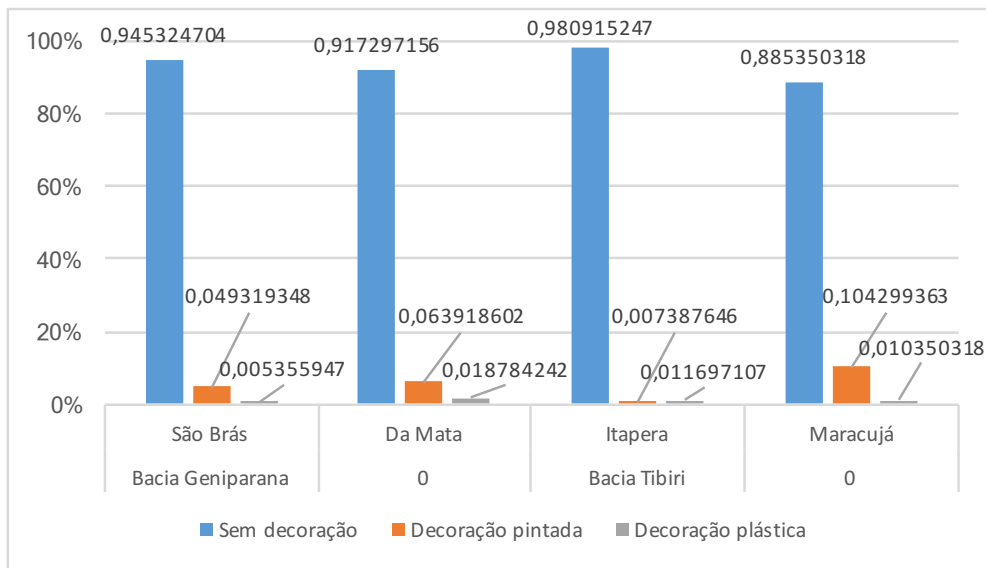


Gráfico 3: Percentual de material cerâmico decorado na amostra total (n=23.149)

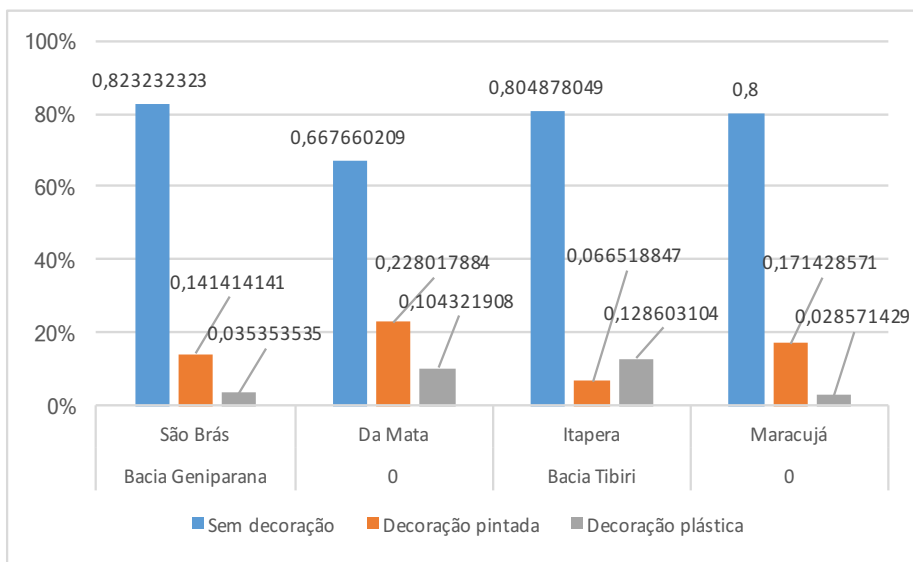


Gráfico 4: Percentual de decoração na borda (n=1.390)

A decoração plástica está restrita ao terço superior do recipiente na face externa. A decoração crômica ocorre em todo o recipiente, especialmente no terço superior e/ou médio da vasilha na face interna e mais raramente externa. Começaremos a análise com a decoração crômica, mais popular no material estudado tanto em quantidade de fragmentos na amostra, quanto em superfície decorada. Como veremos, a decoração aproxima os vestígios dos sítios de uma mesma bacia hidrográfica, em suas escolhas técnicas e formais, e também nas composições e temas.

Elementos crômicos: especificidades nas cores, temas e combinações

Nas coleções estudadas a pintura aparece tanto na face interna quanto externa, sendo mais frequente nessa última, e raramente ocorre em ambas as faces.

Os fragmentos cerâmicos pintados com uma só cor (em monocromia) foram os mais abundantes em todos os sítios e os únicos identificados no sítio Maracujá. As amostras com duas cores (em bicromia)

aparecem de forma expressiva na bacia do Geniparana (em especial no sítio da Mata) mas ocorrem na bacia do Tibiri (somente no sítio Itaperá), e raramente incluem a cor branca. O uso máximo de três cores (tricromia) pode ser visto exclusivamente no material da bacia do Geniparana (em especial no sítio da Mata) e envolve a combinação entre o branco, vermelho e preto.

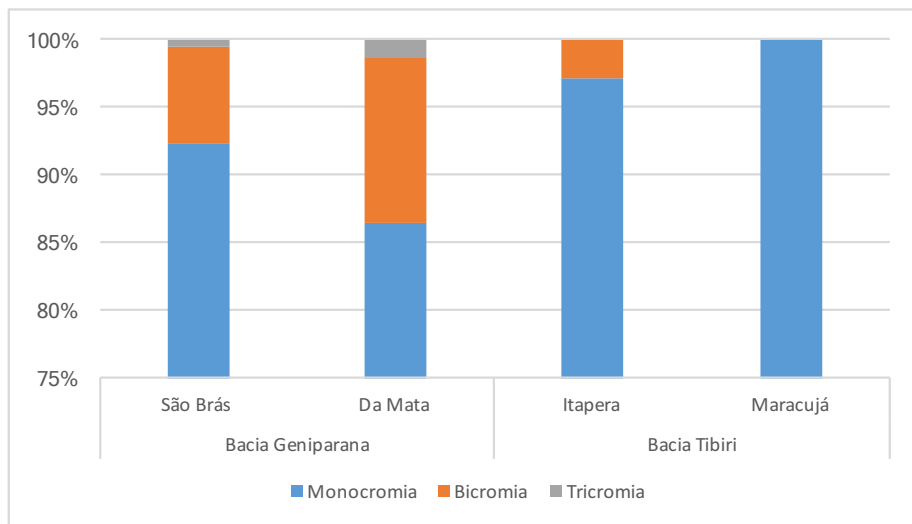


Gráfico 5: Composição crômica das amostras com decoração pintada (n=978 fragmentos)

Os dois sítios da bacia do Geniparana, São Brás e da Mata, apresentam maior variabilidade de tipos decorados com pintura, somando 12 e 17 combinações (de cores e temas) em cada sítio. Os sítios da bacia do Tibiri, Itaperá e Maracujá, ao contrário, comportam respectivamente 3 e 2 expressões crômicas. Em relação à decoração pintada, na paleta de cores, temas e organização pictórica, as semelhanças maiores ocorrem entre vizinhos imediatos e não entre as bacias (gráfico 6).

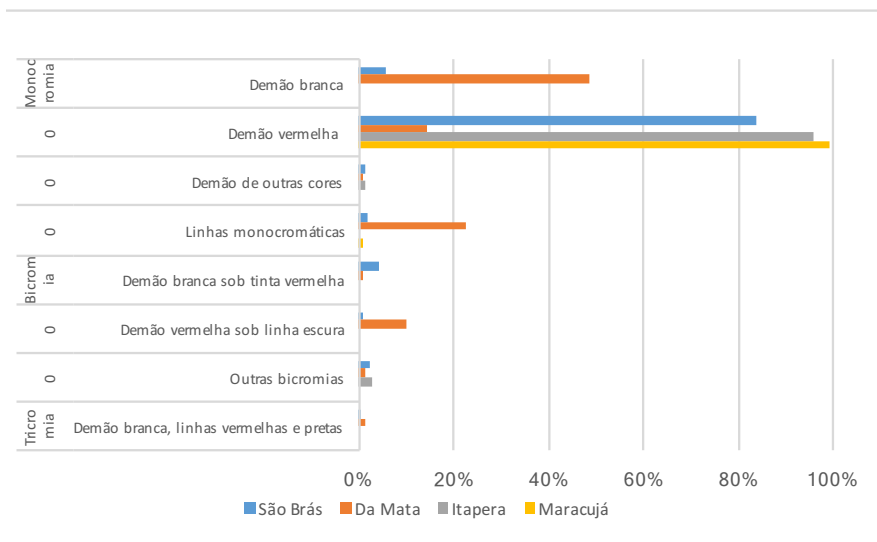


Gráfico 6: Decoração crômica nos sítios, por cores e composição (n=978)

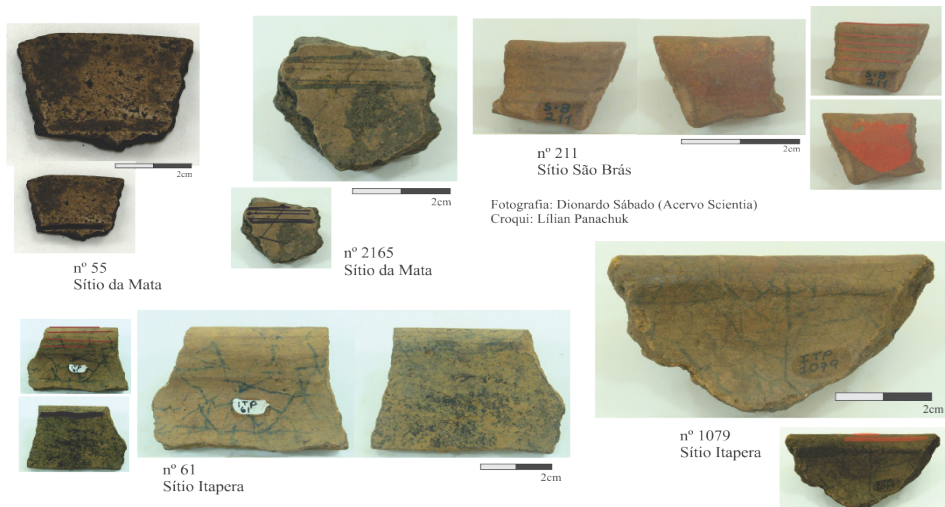
Dentre os tipos monocromáticos que recobrem (possivelmente toda) a superfície, a cor vermelha é a mais popular, a não ser no sítio da Mata, onde a branca é mais expressiva. Outras cores - preta, amarela, creme, laranja e rosa (este último exclusivo do sítio da Mata) - são também aplicadas como demão, a não ser no sítio Maracujá onde não aparecem.

Consideramos com o termo “demão” tanto a presença de tinta como *engobe* (não engobo como grafa a literatura arqueológica) quanto de *aguada*, conforme terminologia dos ceramistas contemporâneos (Lyngaard, 1983; Prado, 2016, dentre outros). Utilizamos *engobe* para nomear a tinta produzida pela mistura de argila, pigmento e água (que pode ser mais espessa como um creme ou bem líquida). Difere do que é conhecido na literatura arqueológica como banho, que aqui chamamos de *aguada*, para distinguir uma técnica de aplicação da tinta propriamente, que é menos espessa, composta pela combinação de pigmento e água. Nas coleções analisadas, através de observação do material em lupa binocular e de experimentos controlados, os

dois processos de produção de tintas parecem ter sido utilizados. Na coleção analisada sugerimos que tintas obtidas por distintos processos e materiais, engobe ou aguada, foram aplicadas nos recipientes cerâmicos por diferentes técnicas, como o banho (jogar tinta por cima da peça), submersão (da peça em um recipiente com tinta) ou por pincéis (de diferentes tipos). As marcas ficam registradas por diferenças macroscópicas e microscópicas na espessura da tinta, textura e aspectos gerais que diferem entre os fragmentos, que não são alterações pós-deposicionais.

Ainda entre os tipos monocromáticos expressos na cerâmica em estudo, aparecem linhas aplicadas diretamente no suporte- em especial na bacia do Geniparana - sem demão de tinta como base. Talvez por isso a alta incidência de tratamento com barbotina e polimento, para regularizar a superfície que recebe a tinta.

As faixas vermelhas, típicas no material tupiguarani do litoral, nomeadas também de bandas (Prous, 2005) aqui são geralmente compostas por linhas mais largas (de até 50mm), feixe de linhas bastante finas (de 5mm) ou ainda linhas de larguras diferentes entre si. Além de vermelho, também ocorre o uso de traços lineares em preto e marrom, inabituais no contexto tupiguarani. As combinações de bandas e linhas, com larguras sensivelmente mais delgadas ou grossas do que ocorrem no material tupiguarani do Sudeste ou Nordeste, marcam diferenças na expressão pictórica da cerâmica local (figura 3). Dentre as bicromias observadas a demão de tinta branca aparece sob linhas vermelhas de forma marginal nos sítios; a não ser no São Brás, mais expressiva. A demão de tinta vermelha sob linhas escuras é mais frequente no sítio da Mata, e a demão em preto sob linhas vermelhas mais frequente no Itaperá. Um motivo particular é a alternância de linhas (em geral curvilíneas) de cores diferentes (em geral vermelha e preta) aplicadas diretamente no suporte. Outra combinação de destaque é o uso de engobe vermelho e tinta vermelho escuro, quase marrom; e linhas largas alternadas em creme e vermelho (figura 4).



Fotografia: Dionardo Sábado (Acervo Scientia)
 Croqui: Lilian Panachuk

Figura 3: Linhas monocromáticas aplicadas no suporte cerâmico. Sítio da Mata: banda preta (n°55) e linhas pretas em feixe (n°2165) na face interna. Sítio São Brás linhas escuras na face interna (marrom) e demão vermelha na face externa (n°211). Sítio Itapera: linhas marrons na face interna e banda preta na face externa (n°61) e linhas duplas vermelhas, paralelas, justapostas no lábio (n°1079).

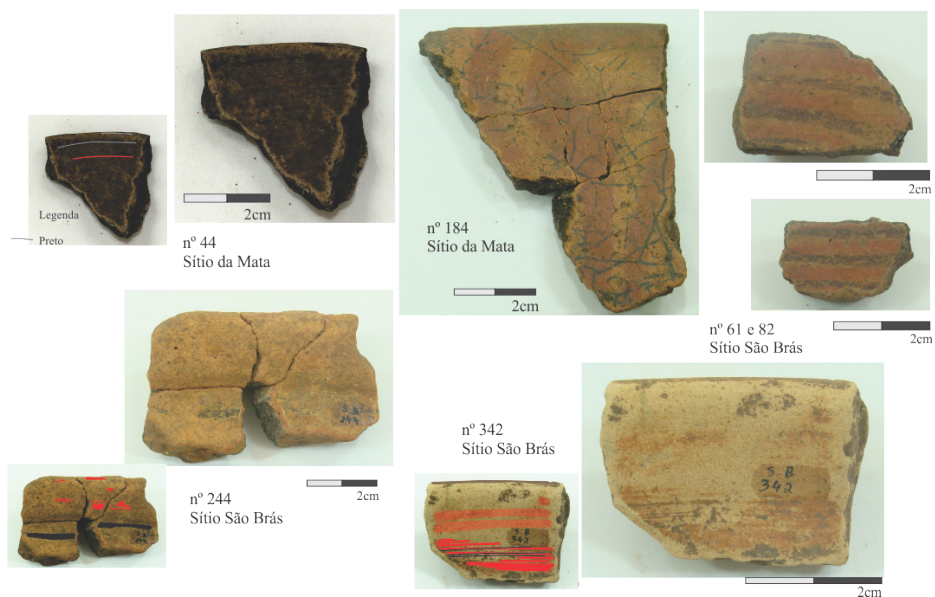


Figura 4: Linhas em bicromias aplicadas no suporte cerâmico. Sítio da Mata: Linha delgada preta e vermelha na face interna (nº 44), linhas amarelas e linhas vermelhas largas alternadas e justapostas (nº184). Sítio São Brás: linhas vermelhas e pretas alternadas e justapostas na face interna e engobo vermelho na face externa (nº 61 e 82), lábio vermelho, linhas duplas vermelhas e banda preta (nº 244) e lábio marrom, linhas duplas na borda, feixe de linhas vermelhas e marrom (nº342).

As poucas peças em tricromia foram identificadas exclusivamente na bacia do Geniparana, em ambos os sítios (figura 5). Todas apresentam a combinação de engobe branco com faixa/figura vermelha e linha/retoque preto.

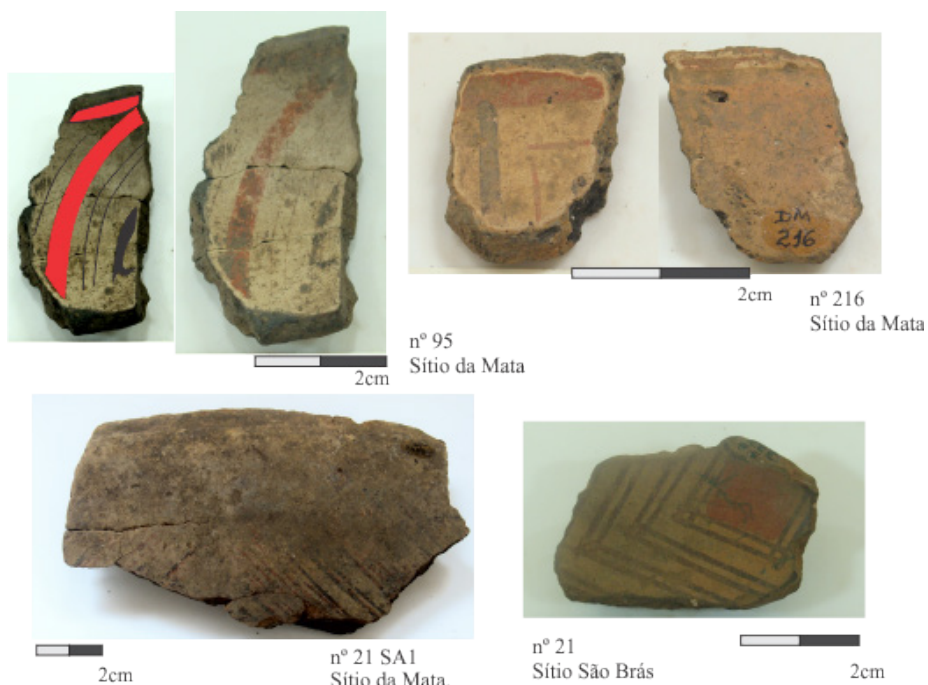


Figura 5: Fragmentos com tricromia. Sítio da Mata: engobe branco, bandas vermelhas e linhas pretas (nº95), engobe branco, linhas vermelhas e pretas formam vértices (nº21-sa1); engobe branco, banda vermelha e linhas retas em preto e vermelho (nº216). Sítio São Brás: na face interna engobe creme, linhas pretas formam losango com linhas duplas e losango preenchido de vermelho no centro; na face externa engobe preto e vermelho (nº21)

Todas essas características diferenciam esse material cerâmico: o uso intenso da demão de tinta vermelha e o leque ampliado da paleta de cores para recobrir a superfície do recipiente, bem como os temas e a forma de organizar o espaço pictórico são incomuns no material tupiguarani descrito para o Sudeste e Nordeste. E nesses sítios aparecem como dominantes. Em geral, a organização pictórica subverte levemente o que foi apontado para a cerâmica tupiguarani, em diferentes publicações, além dessas aqui citadas. Nesse sentido, é preciso observar características e as fronteiras que ainda estão borradas, como essa no limite oriental da Amazônia.

Elementos plásticos: semelhanças e variações radicais inter-sítios

Já vimos que a decoração plástica está presente em menor frequência que a decoração pintada em quase todos os sítios.

Em todas as coleções cerâmicas a decoração plástica aparece (quase) exclusivamente na face externa, em geral entre o bojo médio e as porções superiores do recipiente (borda e lábio), e eventualmente ocorre na inflexão ou carena. A incisão é a técnica majoritária em todos os sítios, em contraste a popularidade das demais técnicas varia tremendamente de um sítio para o outro (gráfico 7).

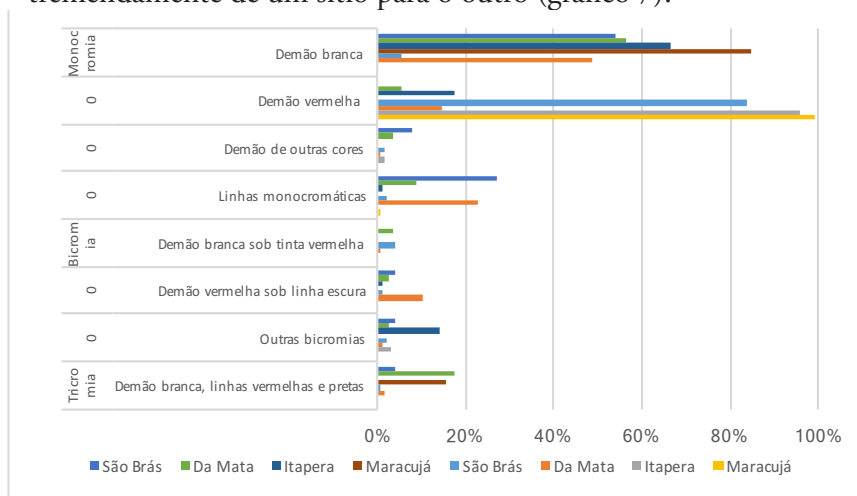


Gráfico 7: Decoração plástica nos sítios (n=387)

Convém examinarmos primeiro a decoração incisa, expressão técnica mais popular, para aferir sua variação. Em todos os sítios a incisão é feita por linhas finas paralelas delimitando e marcando o relevo da peça, geralmente no lábio e /ou borda (possivelmente) circundando o recipiente, dividindo o corpo das vasilhas. Identificamos também fragmentos com linhas retas alinhadas na borda ou lábio, e nestes casos remetem aos motivos conhecidos para a decoração pintada tupiguarani. Essas são formas de expressão exclusivas dos sítios São Brás e Maracujá, que ocorrem também nos demais sítios.

O material cerâmico inciso do sítio da Mata assume formas específicas, radicalmente diferente do material tupiguarani (figura 6). Alguns fragmentos apresentam linhas largas, retas (mais frequente) ou curvas (mais raro), sempre aplicadas na face externa de potes constrictos. Aparecem também incisões em linhas finas associadas a tigelas, por vezes com flanges labiais, ou (possíveis) bancos, com padrão decorativo principal sinuoso. Encontramos essas características em 15% do material inciso (cerca de 40 fragmentos), por toda área do sítio. A decoração incisa é realizada com a peça ainda úmida, e é possível perceber os sulcos e rebarbas causadas pelo arraste da argila. Não foi possível notar nenhum atributo produtivo, para além da decoração, que os separassem dos demais vestígios, como aspectos da pasta ou queima, por exemplo.



Figura 6: Sítio da Mata, decoração incisa em sua diversidade: linhas finas em possível banco (n°154) face interna de tigela(n°1563) e linhas largas na face externa de potes constrictos (n°290, 70, 2418)

O sítio Itapera, chama atenção por alguns poucos exemplares de fragmentos com decoração incisa hachurada zonada. Na coleção identificamos poucos fragmentos (5 exemplares) com essas características da decoração incisa: feixes de linhas oblíquas sobrepostas formando redes, delimitadas por linhas retas também incisadas. Nesses casos a peça deve ser decorada em adiantado ponto de secagem já que a incisão mais arranha que arrasta argila (figura 7).



Figura 7: Sítio Itapera, material com decoração incisa hachurada (n°365, 415) e inciso oblíquo no lábio (n° 666,440)

O sítio São Brás se caracteriza pelas digitações (27% dos fragmentos), ocorrendo ainda exemplares com decoração ponteadada (8%) e corrugada, além de apliques (4% cada). Já o sítio da Mata é o único a apresentar decoração ungulada (3%), ocorrendo também escovada (5%), ponteadada, corrugada e aplique de prensão (3%). Em dois dos sítios estudados, chama também atenção a grande variedade de

técnicas e combinações que reúne 44 fragmentos (18% na categoria “outros”): ponteadado arrastado com incisão, digitado-ungulado, roletado, roletado e ponteadado, inciso e ponteadado, filetado aplicado, inciso e ponteadado aplicado.

O sítio Itapera se destaca pela alta frequência de material escovado (17%) e com aplique, em especial suportes de prensão (14%). Menos expressivos são os fragmentos digitados e corrugados (1%). No sítio Maracujá além do inciso, aparecem dois fragmentos com filete aplicado.

Nos sítios mais densos, o corrugado aparece como técnica decorativa, mas sempre marginal. Apresenta crista bem superficial, sem relevos que criem ondulações regulares pela superfície (figura 8), portanto radicalmente diferente do material guarani nesse aspecto.



Figura 8: Sítio São Brás, decoração corrugada, escovada, ponteadada e estocada

Os apêndices modelados: outras diferenças se somam

Em três dos sítios analisados são observados apêndices modelados nos recipientes cerâmicos. Aplicado exclusivamente na face externa de recipientes abertos, o tipo mais popular de apêndice parece suporte de prensão (25 fragmentos) de forma troncônica. De fato, esse suporte

não parece muito adequado ao agarre das mãos, por ser pequeno e quebradiço. Talvez tenha sido mais útil para impedir o deslizamento, bloqueando uma eventual queda do recipiente, especialmente com conteúdo dentro (figura 9). Com as mãos espalmadas na face externa do bojo da vasilha, diametralmente opostas, cada ângulo da mão (entre o dedo indicador e o dedão) encontraria o apêndice troncônico que poderia servir, nesse sentido, de obstáculo que impede a vasilha de deslizar das mãos.

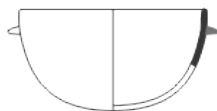


Figura 9: Apliques de prensão: Sítio da Mata (nº.402 e 2556) e Sítio Itaperá (nº 408)

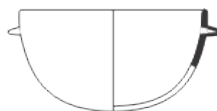
A técnica mais popular é a aplicação de um bloco maciço perpendicular aos roletes, na parede externa do recipiente (figura 10). A base aplicada ao bojo tem maior diâmetro que a porção oposta. Vale notar que em muitos exemplares este apêndice tem a ponta quebrada, denotando sua fragilidade. Na coleção do sítio Itaperá observamos um exemplar oco, desde a face interna, com fratura na face externa, o único associado a um recipiente fechado. Neste caso a técnica de inserção do suporte de prensão é de recortar a parede e colar a porção oca cônica “costurando bem” (através de estrias de retenção e obliteração) os corpos argilosos ainda plásticos.



Estrias de fixação feitas na parede e inclusão do apêndice



Recorte da parede e fixação do apêndice



0 10cm

Ceramista Adriana Martinez, 2017
Cunha/SP

Figura 10: Técnicas de inclusão de apêndice demonstradas pela ceramista Adriana Martinez

Outros apêndices identificados são modelagens figurativas aplicadas aos recipientes, respectivamente 2 e 7 fragmentos nossítios da Mata e Itaperá (figura 11).

No sítio da Mata as modelagens não se assemelham ao repertório tupiguarani, pelo contrário, remetem ao contexto amazônico, e são diferentes entre si. Uma delas, maciça com decoração pintada em toda peça (engobe branco, linhas vermelhas e pretas) e alto relevo (olhos); lembrando a fase marajoara. A outra, oca com detalhes anatômicos em alto relevo (boca, orelhas e olhos) e incisão (boca) sugere um felídeo. Neste caso, poderia remeter ao contexto koriabo? Ambos os fragmentos, pela quebra e espessura parecem ter sido aplicados na face externa, no bojo dos recipientes.

As modelagens do sítio Itaperá são semelhantes ao acervo identificado para o material tupiguarani do Paraná (Chymz, 2010) e de Minas Gerais (Panachuk e Carvalho, 2010) especialmente do município de Andrelândia (Panachuk, 2004, Miranda, 2014). A morfologia sugere uma temática zoomorfa, ofídios e batráquios. Neste sítio os apêndices

são maciços e foram aplicados ao lábio do recipiente. Incisões, ponteados e pequenos discos modelados evocam a cabeça de um animal: um traço inciso marca a boca da figura, ponteados definem os olhos (eventualmente delimitados por um disco modelado). Há um único exemplar esférico e maciço, cuja quebra e peso sugerem fixação no bojo externo.



Figura 11: Apêndices modelados figurativos, Sítio da Mata (linha superior) e Sítio Itapera (linha inferior)

Artefatos cerâmicos: forma e função

A partir dos fragmentos analisados e de poucas peças remontadas e conjuntos de fragmentos (figura 12 e 13), podemos propor um repertório de formas.



Figura 12: Pequeno recipiente remontado do sítio São Brás (n° 105)

A maioria dos fragmentos analisados (cerca de 65% em todos os sítios) pertence a bojo de recipiente ou borda (25%), em menor quantidade (somando 10%): apêndice, inflexão, carena externa e interna, flange labial, base. A maioria das peças não apresenta inflexão ou carena abrupta.



Figura 13: Conjuntos de fragmentos remontados de recipientes médios e grandes de diferentes sítios

As bordas apresentam reforço interno ou externo (este, mais frequente), e é comum o reforço angular com mudança de direção na proximidade do lábio causando uma inflexão no contorno do recipiente. Somente um exemplar de borda oca identificado no sítio da Mata. O lábio mais frequente é o arredondado, embora o plano seja também comum.

A projeção das morfologias das vasilhas inclui uma parcela da amostra analisada, $\frac{1}{4}$ das bordas, as maiores, dos sítios mais densos, da Mata e Itapera, que somam 120 e 74 projeções. Todas as formas registradas

existem em cada um dos sítios, embora em porcentagem variável. As vasilhas foram organizadas em três classes morfológicas, duas delas, recipientes irrestritos e restritos, conforme Sheppard (1956). Acrescentamos uma terceira: recipientes de parede subvertical. Qualquer uma delas pode ter contorno *simples* (sem variação abrupta no ângulo) e *composto* (com inflexão ou carena), já que não identificamos nenhum contorno *complexo* (combinação de duas mudanças de ângulo no perfil), de acordo com Sheppard (1956). Utilizamos, adaptado de Sheppard, o ângulo tangencial da borda, medindo através da face interna do perfil de borda (figura 14) e o diâmetro da boca como critérios adicionais para a tipologia.

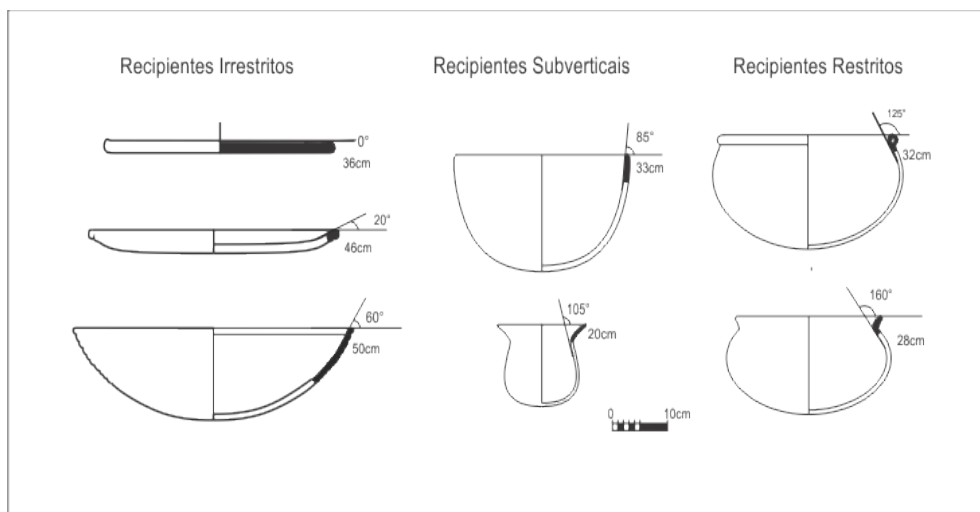


Figura 14: Classe morfológica e ângulo tangencial dos recipientes projetados

Em todas as três classes morfológicas (recipientes irrestritos, subverticais e restritos) aparecem vasilhas miniaturas, entre 6 e 10cm de boca (figura 15).

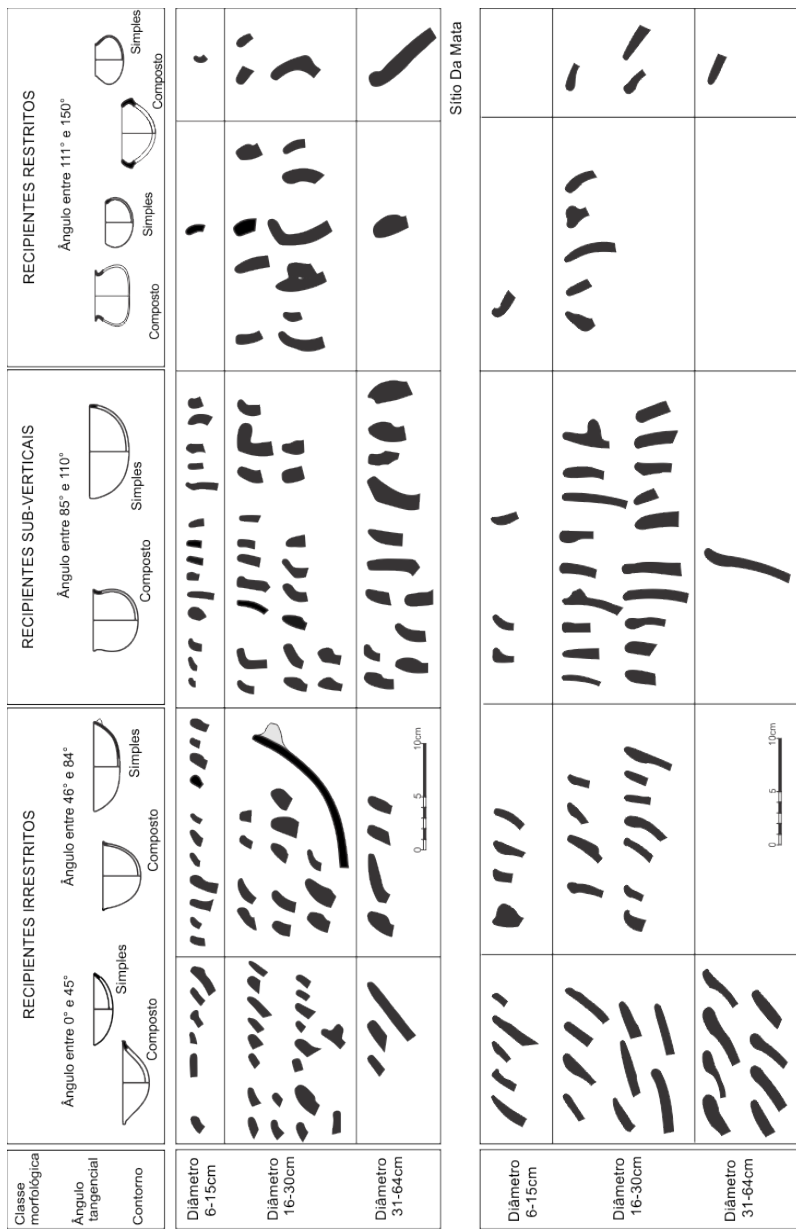
Achamos coerente dividir a classe dos recipientes irrestritos de acordo com o ângulo tangencial. Os recipientes entre 0° e 45°, como assadores e pratos, apresentam corpo reto ou em segmento de calota.

A borda comporta reforço interno ou externo, em geral apresenta decoração pintada. São recipientes mais indicados para servir ou assar alimentos sólidos, por serem muito rasos e largos. Os recipientes entre 46° e 84° , como tigelas e bacias, têm corpo ovoide, cônico ou em segmento de calota. Em geral a borda comporta reforço externo ou flange labial, ocorrem decoração pintada e plástica. Por serem continentes mais fundos e largos, podem receber alimentos sólidos e pastosos para cocção ou servir. Os apêndices troncônicos aparecem associados a essa classe morfológica, especialmente aos recipientes de maior ângulo.

Consideramos recipientes de paredes subverticais aqueles que apresentam ângulo de borda entre 85° e 110° , de corpo quase cilíndrico – pelo menos em sua parte superior, a única observável e que poderia ser avaliada. O corpo pode ainda ser globular, esférico e meia calota. Paredes levemente abertas ou fechadas compõem essa classe. O contorno é geralmente composto: borda extrovertida, borda reforçada ou com ponto angular, carena interna, flanges labiais. Aparecem também contorno simples, eventualmente com apêndice na face externa. Grande popularidade de decoração pintada e plástica. Nessa classe os recipientes são geralmente tão altos quanto largos, sendo mais versáteis para receber alimentos de diferentes consistências (sólido, pastoso e líquido). O fácil acesso ao interior permite o uso diretamente ao fogo, para a cocção alimentar, conforme indicam também algumas crostas carbônicas nos fragmentos.

Os recipientes restritos apresentam ângulo de borda entre 111° e 150° , em geral com corpo ovoide ou esférico. O único caso de borda oca exhibe esta morfologia. O contorno é majoritariamente simples, mas aparece contorno composto com inflexão na borda, carena externa, reforço e ângulo extrovertido. Decoração plástica e pintada associada a esta classe. Esses recipientes apresentam diâmetro máximo diferente do diâmetro da boca, sendo adequados para armazenagem de alimentos sólidos (como grãos) e líquidos.

Em geral, os recipientes subvertical são os mais populares, seguido



Sítio Itapera

Figura 15: Tipologia dos recipientes projetados

pelos irrestritos (de maior ângulo são mais frequentes), sendo bem menos comum os restritos (gráfico 8).

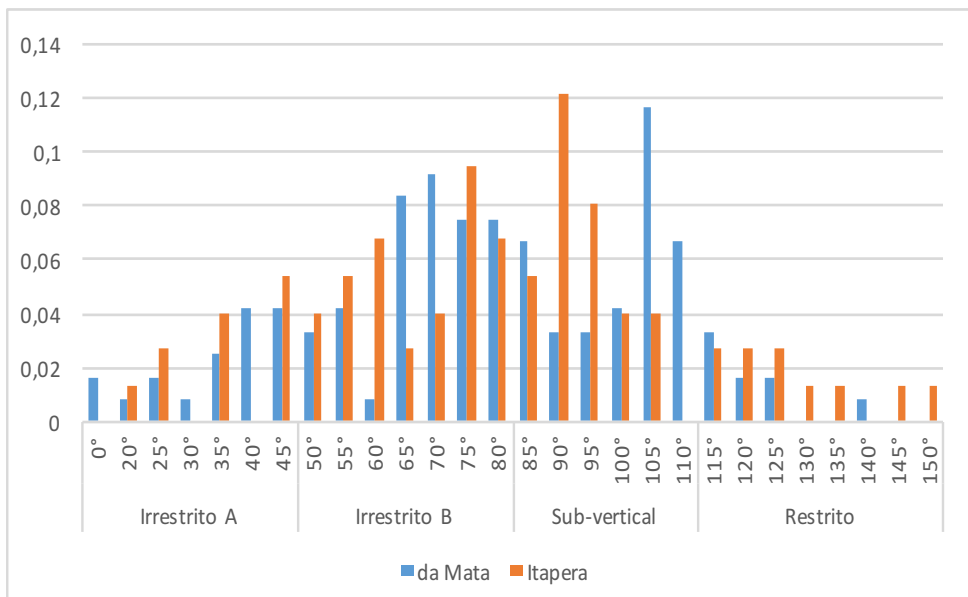


Gráfico 8: Classe morfológica e ângulo tangencial dos recipientes projetados (n=187)

Em todos os recipientes, as aberturas de boca média (entre 16 e 30cm) são mais frequentes, seguidas pelas menores (entre 6 e 15cm) e maiores (31 até 54cm). Trata-se de uma providência intuitiva pois para alimentar um conjunto de pessoas são necessárias poucas panelas grandes e médias, para processar o alimento, e recipientes médios e pequenos para distribuir e servir o preparado. Recipientes médios são mais comuns por sua multifuncionalidade. Recipientes pequenos para servir podem ser feitos de cabaça, por exemplo, o que explicaria sua baixa expressão nas coleções. Os recipientes grandes, para armazenar líquidos (fermentados ou água) podem ser feitos em madeira, como cochos.

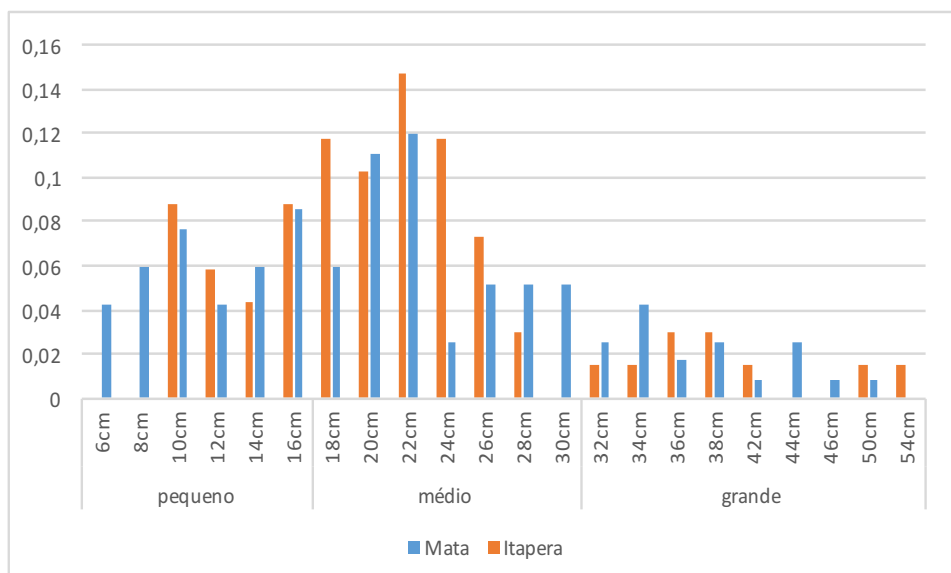


Gráfico 9: Diâmetro de borda dos recipientes (n=185)

As marcas de uso nos conjuntos de fragmentos e peças inteiras indicam processos contínuos de cocção, em especial pela espessa camada de depósitos carbônicos deixados na face interna e externa dos artefatos cerâmicos, e também pela mudança de cor no perfil da peça. A descamação típica do processo de fermentação também pode ser identificada na face interna de alguns poucos exemplares. Tanto fragmentos cerâmicos decorados quanto sem decoração denotam que os recipientes foram intensamente utilizados no processo de cocção.

Reflexões inclusivas sobre a variabilidade das manifestações ceramistas tupi/tupiguarani

Mesmo reconhecendo os limites desse exercício comparativo – já que envolve um número pequeno de sítios, de duas bacias distintas, sem datações para todos eles - é interessante avaliar aproximações e diferenças materiais. A comparação entre os sítios se faz possível pelo ambiente insular e pela proximidade entre eles, mas também pelas semelhanças nas escolhas técnicas da cadeia operatória cerâmica e na forma de ocupação o lugar.

Em todos eles a implantação na paisagem é similar, em topo de colina suave, com terra preta antropogênica e distribuição dos vestígios em ferradura voltado para leste.

Cada bacia comporta um grande sítio próximo a outro menor. Os maiores sítios estão na bacia do Geniparana, o que poderia indicar aldeias já maduras pela extensão, quantidade e diversidade dos artefatos. Na bacia do Tibiri talvez haja uma diferença entre as funções de cada espaço, já que um dos sítios é realmente muito pequeno e raso, está estrategicamente localizado para o deslocamento facilitado ao litoral, e talvez fosse um lugar de passagem. Aldeias de diferentes madurezas foram narradas por Abbeville (2001), bem como ocupações com funções distintas, como portos, roças e acampamentos, por exemplo. O sítio Maracujá, na bacia do Tibiri, é o único que não nos parece uma antiga aldeia, e sim resultado de uma ocupação expedita, uma paragem eventual. Já o sítio Itapera nos parece uma habitação, e que não apresenta registro material colonial de forma intensa.

A similar extensão horizontal, densidade de material e estado de conservação aproximam os sítios da Mata e Itapera, de bacias hidrográficas distintas.

Ao compararmos o material cerâmico notamos que as técnicas utilizadas (acordelado, modelado a mão livre e reforço de placas) estão presentes nas mesmas proporções em cada coleção.

Os elementos associados à pasta cerâmica são os mesmos tipos, com mesmo diâmetro dos grãos e proporção incluída. No entanto, a inclusão de cariapé é mais popular nos sítios São Brás e Maracujá, e o chamote é mais frequente nos sítios da Mata e Itapera. Aqui as aproximações conectam sítios específicos das diferentes bacias hidrográficas. Mas, em todos os casos, indica que a argila foi tratada de forma específica, provavelmente incluiu o peneiramento da argila seca para obter o controle dos diâmetros dos elementos na pasta. Se a presença de chamote aponta um elemento tradicionalmente incluído na pasta cerâmica guarani (La Salvia e Brochado, 1989), o cariapé implica uma influência local, amazônica.

Em todos os sítios o tratamento de superfície majoritário é o alisado médio. Os acabamentos mais intensos que vedam a superfície - como alisado fino, polimento e barbotina – ocorrem de forma a aproximar os mesmos sítios entre bacias hidrográficas. Os sítios São Brás e Maracujá comportam poucos fragmentos (1% e 2%), enquanto os sítios da Mata e Itaperá exibem uma maior popularidade dessas técnicas (14% e 7%). É preciso também considerar o impacto dos processos pós-deposicionais, que poderiam agir nessa área de tensão superficial, conforme já indicado.

A decoração, em geral, foi vista em uma pequena parcela dos fragmentos, em todos os sítios, conforme indicado. No entanto, nos sítios São Brás, da Mata e Maracujá a decoração pintada é predominante, enquanto a decoração plástica é mais frequente no sítio Itaperá. A relação entre a decoração crômica e plástica é similar nos sítios São Brás e Maracujá: para cada 10 cacos pintados, aparece 1 caco com decoração plástica. No sítio da Mata para cada 3 fragmentos pintados aparece 1 plástico. No Itaperá para cada fragmento crômico, 2 fragmentos plásticos. As relações aproximam novamente sítios de diferentes bacias hidrográficas, de certa forma.

A estética dos fragmentos (e dos recipientes), ao contrário, parece agrupar os sítios de cada bacia hidrográfica. Assim, os sítios da bacia do Geniparana apresentam grande variedade de combinações de tipos de decoração pintada; contrastando com os sítios do Tibiri que contam com poucos tipos. A monocromia é uma característica comum entre todos os sítios, bem como o uso de traços lineares e engobes em preto, especialmente. A paleta de cores muito ampliada (contando com laranja, creme, amarelo, preto, branco, vermelho e rosa eventual) é uma particularidade da bacia do Geniparana. A bicromia é particular de cada sítio, que tem sua própria composição, mas não ocorre no sítio Maracujá. A tricromia é exclusiva da bacia do Geniparana.

A variedade técnica da decoração plástica também aproxima os sítios de cada bacia hidrográfica. Foi mais comum a diversidade de técnicas e combinações na bacia do Geniparana. Na bacia do Tibiri, ocorreu

uma maior quantidade em comparação à decoração crômica. Entre os sítios analisados a incisão é expressiva, em especial na bacia do Tibiri. As decorações digitadas e ponteadas são frequentes na amostra, e mais populares nos sítios do Geniparana. As decorações escovadas e os apêndices modelados são mais populares nos sítios do rio Tibiri. O corrugado aparece, sempre marginal nos sítios mais densos.

As modelagens troncônicas são raras no sítio São Brás e ausentes no sítio Maracujá, ao contrário, são populares nos sítios da Mata e Itapera. Novamente uma interação entre sítios de diferentes bacias. Vestígios semelhantes foram encontrados na região para o contexto tupi (Bandeira, 2014, Guedes, 2014), associado ao material cerâmico das estearias (Leite Filho, 2010, Navarro, 2016) e aparece também não muito longe, no Rio Grande do Norte, atribuído aos ceramistas Papeba (Nasser, 1974).

As modelagens figurativas ocorrem somente no sítio da Mata e Itapera. Nesses dois sítios, materiais cerâmicos com decoração plástica completamente particular caracterizam também esses lugares.

No sítio da Mata, as incisões largas e pastilhas modeladas remetem ao contexto koriabo, cujos estudos foram retomados recentemente para o Amapá (Cabral, 2016). No sítio Itapera, uma decoração incisa “hachurada zonada” se assemelha ao material associado, nos sambaquis, à terra preta antropogênica e por isso nomeado “horizonte arqueológico terra preta antropogênica” (Bandeira, 2014). Assemelham-se também ao complexo Jari no Amapá (Cabral, 2016). Em nenhum dos casos o material exótico ao sítio parece intrusivo, pois estão distribuídos por todo o sítio. Seriam influências de outros grupos, distintos entre si? Esses materiais nos mostrariam afinal diferenças micro contextuais decorrentes de alianças e afinidades? Para tais respostas seria necessário termos um cenário mais amplo. Em caso contrário, as fronteiras continuarão borradas.

Interligando a ilha e o continente: expressões peculiares

O material cerâmico tupi/tupiguarani no Maranhão foi identificado em sambaquis (geralmente nas camadas superficiais), em topos de colinas suaves, e também em média e baixa vertente (geralmente em estruturas mais profundas). Os sítios de colina podem apresentar terra preta antropogênica, o que não parece o caso nos sambaquis. Uma ocupação diversificada da paisagem, e também diferentes modos de expressão nos artefatos cerâmicos.

A análise do material da baía de São José e o estudo da bibliografia regional permitiram diferenciar três conjuntos regionais. O que significam essas diferenças, devemos nos perguntar. Inicialmente precisamos entender quais são as características desses artefatos, por isso, essa longa descrição. Esses agrupamentos propostos, embora se refiram a regiões, são na verdade pequenos pontos no mapa, em pouco mais de três dezenas de sítios compilados da bibliografia.

Baía de São José e Rio Grajaú

Os artefatos apresentados nesse artigo, compartilharam atributos formais com outros da baía de São José, município de Paço do Lumiar (Bandeira, 2014, Guedes, 2014), e também do continente, na baixada maranhense, bacia do Pindaré-Mearim, no médio rio Grajaú (Caldarelli, 2014).

Os sítios aqui reunidos apresentam material cerâmico decorado em baixa frequência (entre 3% e 7%). Em geral com primazia dos vestígios crômicos, alguns sítios mostram maior popularidade da decoração plástica (no sítio Itapera, no Tibiri aqui estudado e sítio Grajaú, no Pindaré). A decoração pintada aparece raramente em tricromia, e o mais comum são as linhas aplicadas diretamente no suporte cerâmico. As faixas ou bandas são feitas por pincel (com pelo ou tala) em linhas paralelas delgadas ou bastante finas, com a mesma finalidade de dividir o campo decorativo e marcar o lábio. Os temas e as cores aplicadas na decoração crômica variam, com paleta

de cores mais ampla. A popularidade do material plástico inciso é muito expressiva, enquanto a técnica do corrugado apresenta baixa popularidade. A decoração plástica incisa que forma padrão hachurado foi notada na região da Baía do São José e nomeada de “horizonte ceramista terra preta arqueológica” (Bandeira, 2014). Ocorreram também fragmentos com decoração incisa larga, que talvez tenham relação com os grupos produtores de material koriabo.

Os apêndices de prensão troncônicos aparecem também em outros sítios na ilha (Bandeira, 2014, Guedes, 2014) e no Pindaré-Mearim (Caldarelli, 2014). Modelagens figurativas semelhantes àquelas relatadas aqui foram identificadas em Arari, no Mearim (Scientia, 2008); e em Bacabeiras, no Itapecuru (Labrador, Bandeira, Brandi, 2014) na maior proximidade com a Ilha do Maranhão.

Os recipientes apresentam morfologia com reforço de borda, presença de marcadores de ângulo (carena, inflexão, e também flange) mas que raramente ocorrem muito agudos. Os elementos agregados à pasta de argila incluem, além dos minerais comuns no solo, o chamote e o cariapé, conectando modos produtivos, talvez.

A ocupação arqueológica tupi nos níveis superiores dos sambaquis e em topos de colinas sem presença de terra preta parece ser mais recente, já que as datações situaram o evento para os últimos 200 anos AP (Bandeira, 2014). No estudo aqui apresentado os sítios foram implantados em áreas mais altas da paisagem, com a presença de terra preta antropogênica, e datação para o período anterior ao processo colonial, 470 a 300AP, 280 a 60 AP; bem mais antigas foram as datas obtidas para a bacia do Grajaú, 900+-70 AP, 815+-135, 630+-80 AP. (Caldarelli, 2014).

Baía de São Marcos, litoral leste e Mearim

A cerâmica aqui analisada difere daquela encontrada no Alto do Calhau, na baía de São Marcos a oeste na ilha do Maranhão; e no médio Mearim pois apresentam ângulos bem marcados e decoração pintada com elementos que remetem às características estéticas mais nordestinas da tradição tupiguarani (Leite Filho, 2010).

O material identificado na baía de São Marco foi apresentado por Leite Filho (2010). Comporta quatro diferentes tigelas, pintadas em sua maioria com engobe branco, bandas vermelhas e linhas vermelhas/pretas com preenchimento de pontos (Prous e colaboradoras, 2017). Nas peças desse conjunto, os motivos de borda estão repetidos, as bandas também são duplas, evocando uma característica observada no material da região Nordeste, mas não no Sudeste (figura 16). Prous (2010) nomeou essa característica de “borda desdobrada”, para apontar essa repetição temática.



Figura 16: Exemplos de decoração no Alto do Calhau (Prous e colaboradoras, 2017)

No continente, o material conhecido para o litoral leste (Itatuaba, Icatu/MA) e para o médio Mearim (Rio Tapuio, Alto Alegre do Maranhão/MA) tem características similares a esse agrupamento. Conforme Leite Filho (2010), outras duas estruturas de enterramento apresentam recipientes decorados. Nessas vasilhas inteiras estão expressas as características apontadas anteriormente: linhas duplas como bandas e a duplicação do campo decorativo de borda com repetição temática (Prous e colaboradoras, 2017). Na bacia do Itapecuru (Bacabeira/MA), no sítio Salvaterra 2, foi registrado apêndice figurativo e cerâmica carenada com pintura (Labrador, Bandeira e Brandi, 2014).

Na bacia do Mearim, na baixada maranhense (Arari/MA), outro apêndice figurativo com decoração pintada, um zoomorfo no sítio

Boca do Campo (Caldarelli, 2008). E no médio curso do Mearim (Lago da Pedra/MA), um pote com contorno anguloso e carena bem marcada, decoração já erodida (Prous e colaboradoras, 2017: 493).

Baixo Rio Tocantins

Na bacia do Tocantins (Imperatriz, São Pedro das Águas, Vila Nova dos Martírios/MA) ao menos duas dezenas de sítios identificados (Scientia, 2005, 2008, 2009). As decorações plásticas mais populares são o corrugado e o roletado; a incisão é mais rara e marca a divisão do corpo do recipiente. A decoração pintada mais comum é a demão de tinta vermelha. A porcentagem de material decorado é baixa, em média cerca de 7%. A popularidade do corrugado parece aumentar para os sítios nessa região (Caino e outros, 2014, Caldarelli, 2014). Na proximidade regional, mas já no estado vizinho do Pará, alguns sítios da macrorregião de Marabá, nomeados como Tupinambá da Amazônia, no sudeste paraense (Garcia, 2012, Almeida e Neves, 2015), assemelham-se a esse, com presença de borda oca, corrugado e a primazia de decoração pintada (Almeida, 2008, Corrêa, 2014, Cruz & Panachuk, 2014).

Considerações finais: várias formas de tupinizar a cerâmica?

Enquanto no passado se falava apenas de tupiguarani, a bibliografia recente sobre a região tem apontado esse material como horizonte ceramista tupinambá (Bandeira, 2014), proto-tupinambá/tupinambá (Corrêa, 2014), tupinambá da Mata Atlântica (Almeida e Neves, 2015).

Almeida e Neves (2015:517) consideram que a cerâmica da subtradição tupinambá da Amazônia, localizada no sudeste paraense “(...) somada com as Subtradições Tupinambá da Costa e Guarani, formaria a Tradição Tupi-Guarani (sic)”. Essa classificação *tupinambá* implica, por exemplo, na alta popularidade dos tipos de cerâmica com pintura. Na amostra aqui estudada essa não seria uma característica em todos os

sítios. A fórmula adotada para a decoração pintada tem características particulares, como pretendo ter demonstrado, diferente do material proto-tupi da costa, tupinambá da costa, tupiguarani. A porcentagem dos tipos decorados em geral é bastante baixa (em média 5%), e os tipos de decoração plástica não são semelhantes ao material descrito com grande presença de material corrugado (Corrêa, 2014:233) que é mais expressivo no baixo curso do Tocantins (Caldarelli, 2014). No cenário da baía de São José o material plástico tem especificidades, sendo populares as variações incisais, com o corrugado e unguido mais raros.

É preciso prudência na adoção do termo tupinambá (seja precedido de proto ou subtradição) para não subsumir as diferenças estéticas, morfológicas e produtivas (dentre outras) dos artefatos dessas populações situadas na porção oriental da Amazônia, em esquemas já conhecidos para as populações no Sudeste. Classificar esse material como tupinambá da Mata Atlântica, como fazem Almeida e Neves (2015), em uma continuidade desde o Sudeste e Nordeste também não me parece apropriado para verificar as particularidades desses conjuntos. Há muitas diferenças entre os tupi da costa. O que significam essas regionalizações? É preciso inicialmente entender e marcar as diferenças, através de uma análise acurada dos vestígios. E assim, apontar a diversidade das coisas que são as mesmas. As coisas que ao diferir, vão diferindo, como disse sobre outro tema Gabriel Tarde (2007). Se concordamos que todos esses materiais podem ser atribuídos à tradição tupi/tupiguarani, convém notar que há uma variação na expressão da cerâmica, precisamente seu principal elemento diagnóstico.

De todo modo, essa é a chave do diálogo desse artigo: populações ceramistas tupi/tupiguarani que estão ao “Norte do Brasil”, no que já foi o centro-Norte. Os materiais cerâmicos dos sítios analisados apresentam características gerais identificadas para a tradição tupiguarani, como no uso do chamote como elemento associado à pasta, tratamento decorativo da superfície com cores e organização pictórica que definem o grupo; corpo da vasilha cerâmica com

contorno sinuoso, algumas inflexões e carenas. No entanto, existem muitas diferenças. O material aqui apresentado não se adequa a nenhuma das nomenclaturas utilizadas, não se assemelha ao material do sudeste paraense, tupinambá da Amazônia, nem ao material nordestino amalgamado na classificação tupinambá da Mata Atlântica (Almeida e Neves, 2015).

Frente à sobreposição em alguns contextos, como é o caso do Maranhão (e muitos outros), entre vestígios arqueológicos proto-tupi/tupiguarani e registros históricos tupi-guarani (em especial), penso ser mais apropriado reservar o termo tupi em sua designação genérica para a cultura material dos ameríndios descritos nas crônicas históricas (Abbeville, 2002, D'Évreux, 2007, Bettendorff, 2010, Soares e Souza, 2001, Heriarte, 1874). Bandeira (2014, 2013) e Corrêa (2014) chamam atenção para essas diferenças de nomeação para os contextos históricos.

No Maranhão, a diversidade de expressões regionais talvez tenha relação (também) com a exploração de pedras verdes, por exemplo. D'Évreux (2007) aponta o Mearim como área de extração dessas pedras, de estimado valor entre os Tupi-guarani. Mello, Filho e Chiodi (2010) indicam a presença de pedra verde na bacia do Gurupi, na Serra do Tiracambu: verde aguapé e cipó esmeralda (tonalito) e verde bálsamo (granodiorito). Se essa era uma área de aquisição de matéria-prima, certamente atraía uma diversidade de grupos tupi. Esses grupos poderiam ter formado alianças expressas (também) na cerâmica, que afinal reitera a comensalidade e as relações sociais entre grupos. Seria uma fronteira de negociação, de troca de pedras verdes? E por isso uma área “mais cosmopolita” e diversa, mais híbrida? Se assim fosse, é possível supor que atrairia potencialmente também outros grupos não tupi, igualmente interessados na matéria-prima. Desses encontros regionais teriam nascido essas diferenças? Por isso o material tupi da baía de São José e do rio Grajaú apresenta também (pouco frequente, mas constante) material com aspectos que evocam o material cerâmico koriabo, horizonte Terra Preta e das estearias? A semelhança formal da cerâmica indicaria que grupos aliados

ocuparam a baía de São José e a bacia do rio Grajaú, que seriam mais próximos de outros grupos também de ceramistas do rio Tocantins? Essa aproximação e semelhança poderia nos indicar proximidades sociais, alianças? Seria aqui outro limite da área de ocorrência do material tupiguarani que evoca os aspectos estéticos compartilhados na região Nordeste? Contrastando com as populações da bacia do rio Tocantins?

O interesse neste artigo foi o de contribuir com a descrição dos sítios, mostrando a diversidade das coisas que são as mesmas. A cerâmica tem especificidades que aproximam as bacias hidrográficas distintas (forma de ocupação do espaço, cadeia operatória cerâmica e morfologia dos recipientes) e marcam particularidades em cada área (na decoração, especialmente). Suas características materiais permitem sua atribuição material à tradição tupiguarani, termo já consagrado pelo uso. Mas as classificações atuais não dão conta da diversidade de expressões materiais, conforme pretendo ter indicado ao comparar o material estudado com a vizinhança, criando uma organização regional preliminar.

Como designar os grupos aqui delimitados que não se parecem com o material da costa e também não se assemelham ao sudeste paraense? Iremos romper os termos (tênuos) entre tupiguarani e tupi-guarani, assumindo a designação tupinambá? De minha parte prefiro assumir o termo tupi como macro categoria arqueológica, a fim de apontar semelhanças e diferenças regionais desses elementos materiais da cultura (Noelli, 2006; Dias e Panachuk, 2008), ao menos inicialmente. O entendimento das variações regionais pode ser um caminho para apreender relações entre áreas. A publicação recente dos motivos pintados em cerâmica tupiguarani pode ser um grande aliado para verificar características regionais (Prous e colaboradoras, 2017) na ausência de um número adequado de datações, esse seria um caminho para propor agrupamentos e separações nesse coletivo tão diverso. A origem e suas rotas, já sabemos, têm rodinhas, e nos últimos decênios temos perseguido ambas, em vão. Talvez, o mais eficiente seja entender as histórias regionais e suas relações recíprocas, ao invés de buscar setas unidirecionais que, todavia, não são estáveis.

AGRADECIMENTOS

Os resultados aqui apresentados fazem parte de um projeto de maior envergadura atrelado ao processo de licenciamento ambiental da Eletronorte na Linha de transmissão São Luís II/São Luís III, executado pela Scientia. Agradeço aos colegas de equipe da unidade Belém que me auxiliaram na análise do sítio entre os anos de 2010 e 2013. Agradeço em especial à Solange Caldarelli e Renato Kipnis, por disponibilizar o material aqui apresentado.

Agradeço a leitura crítica do orientador nessa pesquisa de doutorado, André Prous, e do(a) parecerista anônimo(a) indicado(a) pela revista. Aos colegas pesquisadores do Maranhão, com que em diversos momentos pude conversar sobre o material, meus sinceros agradecimentos. Agradeço enormemente ao Daniel Cruz, pelas longas conversas sobre tupi, tupiguarani, tupi-guarani e afins, desde o primeiro momento algo que nos uniu.

A responsabilidade sobre o artigo é totalmente minha, especialmente os tropeços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBEVILLE, C. 2002. História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do maranhão e suas circunvizinhanças. Editora Siciliano. São Paulo. 363p.

ALMEIDA, F. O. de. 2008. *O complexo Tupi da Amazônia Oriental*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: MAE-USP, 339p.

ALMEIDA, F. O. de; NEVES, E. G. 2015. Evidências Arqueológicas Para A Origem Dos Tupi-Guarani No Leste Da Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 499-525, Dec. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000300499&lng=en&nrm=iso>. access on 06 July 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p499>.

ARAÚJO, E. P.; TELES, M. G. L.; LAGO, W. J. S. 2009. Delimitação das bacias hidrográficas da Ilha do Maranhão a partir de dados SRTM. In: *Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*, 14, *Anais...* Natal: INPE, p. 4631-4638.

BANDEIRA, A. 2014. Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – Maranhão: tecnotipologia cerâmica e cronologia. In: Bandeira & Brandi (org). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís. Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda. p.7-50.

BANDEIRA, A. 2013. Os Pioneiros e Seu Legado na Construção da Arqueologia do Maranhão. *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*. V. X, nº19. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, p. 7-58.

BETTENDORFF, João F. 2010. *Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Edições do Senado Federal. Brasília. Volume 115. 803p.

BROCHADO, J. P. 1980. A Tradição Cerâmica Tupiguarani na América do Sul. In: *CLIO*. Nº 3. Série Arqueologia 1. UFPE, p. 47-60.

CABRAL, M. 2016. Os complexos cerâmicos do Amapá: proposta de uma nova sistematização. In: BARRETO, C; LIMA, H, P; BETANCOURT, C.J (org). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN-GOELDI. 86-96p.

CAINO, J.; BRANDI, R.; BANDEIRA, A. AZEVEDO, P. ACHA, M. 2014. Perspectivas da Arqueologia Sul Maranhense. In: Bandeira & Brandi (org). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís. Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda. p.215-238.

CALDARELLI, S e ARNT, F. 2014. Arqueologia do interior maranhense interceptada por uma ferrovia. In: Bandeira & Brandi (org). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís. Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda. p.185-214.

CALDARELLI, S. 2014. A arqueologia do interior maranhense no traçado de duas linhas de transmissão. In: Bandeira & Brandi (org). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís. Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda. p.149-184.

CALDARELLI, S. e KERN, D. 2010. Resgate dos Sítios Arqueológicos Identificados no Trajeto da Linha de Transmissão São Luís II – São Luís III/MA. Relatório Técnico. Iphan/Belém.

CALDARELLI, S. e PANACHUK, L. 2013. Resgate dos Sítios Arqueológicos Identificados no Trajeto da Linha de Transmissão São Luís II – São Luís III/MA. Relatório Final de Laboratório. Iphan/Belém. 249p.

CHYMZ, I. 2010. Modelagens cerâmicas em sítios Tupiguarani do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. In: *Os ceramistas Tupi*. Prous & Lima (editores). Volume II – elementos decorativos. Belo Horizonte, p. 89-112.

CORRÊA, Â. A.2014. Pindorama de mboia e îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.71.2014.tde-17102014-154640. Acesso em: 2017-07-06.

CRUZ, D.&PANACHUK, L. 2014. *Saga e persistência: A histórica formação do sudeste do Pará desde os tempos (mais) antigos*. Scientia Consultoria Científica. Estúdio Zebra Serviços Editoriais. São Paulo. 192pp.

D'ÉVREUX, Y. 2007. História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614. Edições do Senado Federal. Brasília. Volume 94. 429p.

DIAS, O. e PANACHUK, L. 2008. Características da Tradição Tupiguarani no Sudeste do Brasil. In: *Os ceramistas Tupi*. Prous & Lima (editores). Volume I – sínteses regionais. Belo Horizonte. p. 91-116.

GARCIA, L. 2012. *Arqueologia na região dos interflúvios do Xingu-Tocantins. A ocupação Tupi no Cateté*. Dissertação de Mestrado. MAE-USP. São Paulo, 242p.

GUEDES, L. 2014. Arqueologia da Ilha de São Luís – Maranhão: problematizações e hipóteses em um laboratório insular. In: Bandeira & Brandi (org). Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão. São Luís. Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda. p.51-74.

HERIARTE, M. 1874. *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas. Feita por Mauricio De Heriarte. Ouvidor-Geral, Provedor-Mór e Auditor, que foi, pelo Governador D. Pedro De Mello, no Anno de 1662*. VIENNA ITAUSTBIA. Imprensa do filho de Carlos Gerold. Pp.83

HODDER, I. 2012. *Entangled: An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. Wiley-Blackwell, Malden, MA, 252 pp., ISBN 978-0-470-67212-9

JOYCE, Rosemary. 2000. *Girling the girl and boying the boy: the production of adulthood in Ancient Mesoamerica*. *World Archaeology*. Vol. 31. N3. *Human Lifecycles*. Feb. Pp.473-483.

KERN, D.C. 1988. *Caracterização pedológica de solos com Terra Preta Arqueológica na região de Oriximiná, Pará*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. P. 1989. *Cerâmica Guarani*. 2ªEd. Posenato Arte e Cultura. Porto Alegre, 175p.

LABRADOR, B.; BANDEIRA, A. E BRANDI, R. 2014. *Ocupações humanas no sítio Salvaterra 2: Arqueologia no baixo rio Itapecuru, Bacabeira – Maranhão*. In: Bandeira & Brandi (org). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís. Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda. p.109-132.

LEITE FILHO, D. 2010. *Ocupações pré-coloniais no litoral e nas bacias lacustres do Maranhão*. In: PEREIRA, E. GUAPINDAIA, V. (org.) *Arqueologia Amazônica 2*. P.741-774.

LYNGGAARD, F. 1983. *Tratado de cerâmica*. Barcelona. Ediciones Omega. 282p.

MELLO, FILHO e CHIODI (2010). *Atlas de Rochas Ornamentais na Amazônia*. CPRM - Serviço Geológico do Brasil. http://www.cprm.gov.br/publique/media/atlas_rochas_ornamentais_AM.pdf

MILLER, D. 2010. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MIRANDA, M. 2014. *Andrelândia: 3.500 anos de História*. Juiz de Fora. 390p.

MUNSELL. *Soil-Color Charts with genuine Munsell color ship*. 2009.

NASSER, N. Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do quinto ano. 1969-1070. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. pp. 155-164.

NAVARRO, A. 2016. O Complexo cerâmico das estearias do Maranhão. In: BARRETO, C; LIMA, H, P; BETANCOURT, C.J (org). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN-GOELDI. 158-169p.

NIMUENDAJU, C. 1981. *Mapa Etno-Histórico do Brasil*. Rio de Janeiro, IBGE.

NOELLI, F. 2006. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*. Volume 39. Nº2. Pp.7-54.

OLIVEIRA, E. 2005. *Aspectos da interação Cultural entre grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do rio Tocantins*. *Dissertação de mestrado. MAE-USP*. 87pp.

PANACHUK, L. e CARVALHO, A. 2010. Modelagens de barro em sítios Tupiguarani. In: *Os ceramistas Tupi*. Prous & Lima (editores). Volume II – elementos decorativos. Pp. 57-88.

PANACHUK, L. 2004. *Fragmentos da Tradição Arqueológica Tupiguarani (Minas Gerais/Brasil)*. Monografia de Graduação. Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. 72p.

PANACHUK, L. 2014. Os ceramistas Tupi na Baía de São José, Maranhão: arqueologia como história indígena. In: Bandeira & Brandi (org). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís. Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda. p.75-108.

PRADO, J. 2016. *A arte da cerâmica de Minas Gerais*. Belo Horizonte. Editora C/Arte. 176p.

PROUS, A., CHANOCA, M., PANACHUK, L.; JÁCOME, C.; ROCHA, R. 2017. Catálogo das Pinturas em Cerâmicas Tupiguarani. Belo Horizonte. Editora Legraphar. DVD Interativo. In: *Os ceramistas Tupi*. Prous & Lima (editores). Reedição. DVD Extra.

PROUS, A. 2005. A pintura tupiguarani em cerâmica. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Anais da I Semana de Arqueologia, Suplemento 8: 11-20.

PROUS, A. 2010. A pintura na cerâmica Tupiguarani. In: Prous, A. & Lima, T.A. (ed). Os Ceramistas Tupiguarani. Elementos Decorativos. Volume 2. Editora IPHAN/Sigma. Belo Horizonte, p. 113-216.

RICE, P. M. 1987. Pottery Analysis. London: Univ. oh Chicado Press.

SANTOS-GRANERO, F. (Org.) 2009. The occult life of things: native Amazonian theories of materiality and personhood. Tucson. The University of Arizona Press. 277p.

SALVADOR, V. *História do Brasil. (1500-1627)*. Edição revista por Capistrano de Abreu em 1918. Juruá Editora. Curitiba. 2011. 356p.

SERAFIM LEITE, Padre. 1943. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo III, Norte - Fundações e entradas. Séculos XVII e XVIII. Instituto Nacional do Livro. Livraria Portugália. Rio de Janeiro, Brasil. Lisboa, Portugal. 487p.

SHEPARD, Anna. 1956. *Ceramics for the Archaeologist*. Carvige Institution of Washington, Publication 609. Washington, D.C., 414p.

SILVA, U. S. 2012. Contrastes químicos, mineralógicos e de fertilidade entre solos tipo terra preta arqueológica: sítio da Mata, no limite oriental da Amazônia, e sítio porto de Santarém, no baixo amazonas. Dissertação. Universidade Federal do Pará. Instituto de geociências. Programa de pós-graduação em geologia e geoquímica. Belém. 60p.

SIMÕES, M. e ARAÚJO COSTA, F. 1987. Pesquisas Arqueológicas no baixo rio Tocantins (Pará). *Revista Arqueologia*, 4(1). Belém, p.11-27.

SIMÕES, M. F. 1972. Índice de fases e Tradições. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

SINOPOLI, C. M. 1991. *Approches to Archaeological Ceramics*. Plenum Press. New York and London. 237p.

SOARES E SOUZA, G. 2001. Tratado Descritivo do Brasil em 1587.

Editora Itatiaia. Belo Horizonte. Rio de Janeiro. Volume. 221.302p.

TARDE, Gabriel. 2007. Monadologia e sociologia e outros ensaios. São Paulo. CosacNaify. 286p.

Submissão: 11/07/2017

Aprovação: 23/10/2017